

# Aula de leitura no contexto sociocultural do cordel

## Reading class in the sociocultural context of cordel

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2019v37n77p145-159>

LINDUARTE PEREIRA RODRIGUES<sup>1</sup>

RODRIGO NUNES DA SILVA<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo fomenta uma reflexão sobre o uso dos folhetos de cordel nas aulas de leitura, tendo em vista as tradições orais de transmissão cultural. É uma pesquisa-ação de natureza qualitativa, que partiu de leituras efetuadas em Rodrigues, em Bakhtin e Voloshinov e nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, entre outras bases teóricas, indagando sobre o modo adequado para se desenvolver atividades de leitura interativas com trocas de experiências a partir dos folhetos de cordel produzidos no Nordeste brasileiro. Tomou-se o cordel como material discursivo, sociocultural e sociolinguístico que engloba experiências do cotidiano de sala de aula, reforçando o vínculo escola-vida. Levando-se em consideração o contexto cultural como perspectiva de ensino, a proposta encontra seu valor nas práticas educativas regionais que a educação básica poderá agenciar em prol de um letramento escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramentos sociais; ensino de leitura; folhetos de cordel.

**ABSTRACT:** The article encourages a reflection on the use of cordel leaflets in reading classes, in view of the oral traditions of cultural transmission. It is an action research of a qualitative nature, based on readings made in Rodrigues, Bakhtin e Voloshinov, in *Parâmetros Curriculares Nacionais*, among other theoretical bases, investigating the appropriate way to

1. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil.

2. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil.

develop interactive reading activities with exchanges of experiences from the cordel leaflets produced in the Brazilian northeast. It was found as discursive sociocultural and sociolinguistic material that encompasses real everyday experiences, reinforcing the school /life bond. Taking into account the cultural context as a teaching perspective, the proposal finds its value in the regional educational practices that basic education can play in favor of school literacy.

KEYWORDS: Social literacies; reading teaching; brochures of string.

## 1. INTRODUÇÃO

Em nossos estudos, buscamos fomentar e subsidiar possibilidades de pesquisas educativas que deem suporte a trabalhos direcionados para a leitura, tendo em vista a cultura local discente, a partir da relação de pertencimento, das vivências e das experiências culturais que não podem ser desprezadas pelo currículo escolar, em que o aluno aprende, mas também socializa saberes. A escola, como instituição educativa, deve possibilitar o desenvolvimento da aprendizagem cultural do aluno. Nela, ele pode vivenciar diariamente a diversidade cultural na interação com colegas, professores e funcionários. Quando o aluno passa a fazer parte do ambiente escolar, carrega consigo informações, vivências e experiências de suas culturas, que não podem ser desprezadas.

Segundo Geraldi (2010), para cada região em que se dá o letramento escolar, deve-se pensar em medidas específicas ao ensino de linguagens. Um projeto de leitura na região Nordeste, por exemplo, não pode se “desprender” das tradições orais de transmissão cultural. Com efeito, o trabalho com folhetos de cordel vem ganhando espaço nos projetos pedagógicos, pelo fato de essa manifestação artística da cultura popular entremear e manter uma relação de interdependência entre o contexto social e o literário, entre o erudito e o popular (RODRIGUES, 2009), o que desperta o interesse dos alunos para aspectos de sua realidade.

Dessa forma, levar literatura de cordel para sala de aula, com seus mais variados temas, é, sem dúvida, enriquecer esse ambiente com um gênero atual, perfazendo um brilhante percurso pelo contexto sócio-histórico-cultural de uma região, particularmente, o Nordeste. Diante desse cenário, direcionamos o nosso estudo de forma a responder à seguinte indagação: como desenvolver atividades de interação e troca de experiências no ambiente escolar, especificamente nas aulas de língua materna, a partir do cordel?

Propiciar a leitura de folhetos de cordel em sala de aula é enriquecer esse ambiente através de um gênero textual que possui uma linguagem próxima dos seus usuários, com vocabulário típico, conteúdo semântico expressivo e peculiar, o que permite um

trabalho interdisciplinar processual e possibilita encontrar na sua riqueza temática uma prática eficaz de letramento, com tendência à formação de leitores competentes, que conseguem estabelecer estratégias adequadas para abordagem dos textos que circulam na sociedade, percebendo o que se diz nas entrelinhas, levantando os elementos implícitos e relacionando o texto com seus conhecimentos prévios.

Ser leitor proficiente implica desenvolver habilidades e estratégias de seleção, inferência e verificação. Assim, o educando é envolvido em estratégias de leitura permeadas de realidade, a partir dos diferentes modos de ler existentes nas práticas sociais e que respondem aos diferentes propósitos do sujeito leitor. Diante disso, e com vistas a atravessar a realidade do alunado, pode-se trabalhar folhetos de cordel, de forma a conscientizar os alunos e a comunidade escolar sobre um conceito de leitura que permita ir além do caráter informacional trazido pelo folheto de feira.

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa-ação, de natureza qualitativa, realizada numa escola pública estadual da cidade de Soledade-PB, numa turma de 7.º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, fundamentamo-nos em Rodrigues (2006, 2011), sobre a riqueza trazida por este tipo de manifestação popular; nas ideias de Bakhtin e Voloshinov (2004) acerca dos gêneros do discurso e da linguagem; nos conceitos de práticas e processos de letramento defendidos por Street (2003); nos conceitos advindos da Semântica de Contextos e Cenários (SCC), defendida por Ferrarezi Jr. (2008). E apoiamos-nos também nos PCN (BRASIL, 1998), que orientam sobre o trabalho com leitura, levando em consideração o contexto local como perspectiva de ensino e as tradições orais de transmissão cultural (GERALDI, 2010; ZUMTHOR, 1993).

De acordo com Silva (2017), a linguagem cordelística é significativa para a constituição da identidade do aluno, bem como para a construção de significados e sentidos e conhecimentos gerais. Desse modo, esperamos que um trabalho com cordéis em sala de aula desperte nos alunos a capacidade de observação de sua realidade sociolinguística, histórica, política e econômica, servindo como instrumento que reflete a identidade, a memória, o imaginário e a representação da região em que é produzida.

## 2. ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Muitas são as críticas às metodologias e às práticas de leitura ineficientes e ao ensino tradicional de língua portuguesa, presentes nas salas de aulas. Entre essas críticas, as mais frequentes, segundo os PCN (BRASIL, 1998, p. 18), são:

- a desconsideração da realidade e dos interesses dos alunos;
- a excessiva escolarização das atividades de leitura e de produção de texto;
- o uso do texto como expediente para ensinar valores morais e como pretexto para o tratamento de aspectos gramaticais;
- a excessiva valorização da gramática normativa e a insistência nas regras de exceção, com o conseqüente preconceito contra as formas de oralidade e as variedades não-padrão;
- o ensino descontextualizado da metalinguagem, normalmente associado a exercícios mecânicos de identificação de fragmentos lingüísticos em frases soltas...

O fato é que o desafio dessas críticas e das mais variadas reflexões levantadas precisa fornecer subsídios teóricos e metodológicos que auxiliem a prática pedagógica dos professores na realidade das salas de aulas de nosso país. Pesquisas apontam para o fato de que o ensino de língua materna deve ser pautado na elaboração e no planejamento de atividades que envolvam o uso e a reflexão sobre a própria língua. Assim, o professor, além de ser um pesquisador que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu fazer pedagógico (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32), deve priorizar o desenvolvimento da competência discursiva dos usuários da língua. Nesse sentido, a linguagem será concebida como uma forma de interação entre o aluno e o texto. Os sentidos serão construídos a partir dessa interação dialógica entre quem enuncia, o texto, o leitor e o meio social em que estão inseridos.

Em estudos anteriores (SILVA, 2014), argumentamos que o discurso que envolve a prática pedagógica do docente não deve ser produto de aplicação de regras, mas resultado de atividades que exploram e calculam possibilidades, conforme apresenta Geraldi (2010). Aliás, a vitalidade de nossa língua se expressa justamente no fato de que seu uso implica mudança. Todo esforço de normalização/padronização se perde no lugar da construção de discursos reais/efetivos, como enfatiza o autor.

Dessa forma, dialogamos sobre possibilidades para que o profissional da educação básica possa discutir questões culturais, interligando valores sociais ao ensino de línguas. Diante disso, cabe-nos destacar que o professor possui papel significativo no “reinventar da escola”, sendo considerado por Candau (2014, p. 35) como um agente sociocultural. A escola é uma instituição social complexa e cheia de desafios relacionados à sua função de formar cidadãos críticos e participativos em uma sociedade pluralizada culturalmente.

Os professores, preocupados em trazer esta discussão para o ambiente da escola, estão constantemente à procura de “ressignificar” a forma de trabalho, visando como elemento central o próprio aluno, sujeito inserido na sociedade, detentor não apenas de uma forma de cultura, não apenas de um modelo autônomo de letramento (STREET, 2014), mas de uma mescla cultural, de multiletramentos ideológicos.

Rodrigues (2009, p. 1) traz uma discussão “acerca do antagonismo existente entre uma cultura erudita e uma cultura popular, a partir da ideia de texto e linguagem, além das representações correntes de autor, leitor e leitura”. O autor julga preconceituoso e ultrapassado, para os estudos das Ciências Humanas, valorizar uma produção “clássica” em detrimento de uma considerada “vulgar”. Por isso, sugere uma reflexão acerca da “recorrência do fenômeno da diversidade cultural que atende a multiplicidade do pensar humano, suas formas de linguagem, bem como as representações simbólicas cristalizadas em formações discursivas”. Por esse motivo, faz-se necessário dialogarmos um pouco sobre o ato da leitura a partir dessas novas demandas para o ensino da língua materna.

### 3. A LEITURA NUMA PERSPECTIVA DA DIALOGIA CULTURAL

Atualmente tem havido significativos avanços no campo dos estudos da linguagem, especialmente quando se fala em despertar o interesse pela leitura ou desenvolver o hábito e as habilidades dessa prática. Pesquisas recentes demonstram que muitas práticas de ensino de língua ainda precisam ser revisitadas (RODRIGUES, 2016). Disso decorre um hiato entre as práticas tradicionalistas de ensino de língua, comumente verificadas em espaço escolar, e as pesquisas linguísticas desenvolvidas em âmbito acadêmico.

O ato de ler é um dos meios mais importantes para a aquisição de conhecimento, possibilitando a construção e o fortalecimento de ideias e ações. É por meio da leitura que se formam cidadãos críticos, na medida em que ela torna o indivíduo capaz de compreender as diferentes visões e conhecimentos de mundo.

A leitura implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência (BRASIL, 1998). Assim, o educando é envolvido em estratégias permeadas de realidade, a partir dos diferentes modos de ler existentes nas práticas sociais, o que responde aos diferentes propósitos do sujeito leitor.

Refletir sobre um trabalho significativo de leitura requer levar em consideração o processo de interação, de trocas de experiências entre autor, leitor e o mundo no

qual está inserido, ou seja, é pensar sobre uma prática que emerge de um contexto social, histórico e cultural. No entanto, para Abreu (2001, p. 155),

[...] aquilo que os discursos convencionais sobre leitura ensinam até mesmo para os professores – é que há leitores de segunda categoria, assim como há cidadãos de segunda categoria: aqueles que não falam a língua da escola e não lêem os livros que a escola gostaria que lessem.

Para a autora, as práticas e as intervenções pedagógicas de sala de aula em favor da leitura, muitas vezes, são “enquadradas” numa concepção de que leitura é para poucos. Há o esquecimento de que a leitura não é uma prática neutra e é transpassada por questões culturais, políticas, históricas e sociais. Por isso, Abreu (2001) argumenta que é preciso considerar as diferentes possibilidades de leitura.

Rodrigues (2009, p. 11) dialoga com a autora, ao afirmar que não existe leitura pior, ou melhor, pois entende que a “diferença não precisa ser sinônimo de desigualdade” e “que os discursos convencionais sobre a leitura estigmatizam grupos sociais e práticas culturais legitimadas”. Ele ainda argumenta que nas escolas “busca-se apagar as provas que indicam que a leitura não é escassa no Brasil e [elas] negam os objetos, as práticas, as próprias pessoas que leem. E, assim, o povo brasileiro passa a figurar na história como os desprovidos do poder da leitura”.

Nesse ínterim, vale ressaltar que, a partir da perspectiva dialógica de leitura (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2004), compreendemos o sujeito leitor como ser que apreende a realidade e a constrói, dando sentido a seu viver por meio de sua relação social com o outro, e isso é permeado pela linguagem. “A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc.” (BAKHTIN, 2003, p. 348). Assim, tudo o que se pode chamar de linguagem é resultante do processo dialógico, em que o Outro e sua visão de mundo são parte crucial nesse processo. O Outro pode ser não só um sujeito social como pessoa física e/ou ideológica, mas semiotizado como obra: um livro, um filme, uma escultura, uma tela cinematográfica, isto é, tudo o que torna possíveis o ato da leitura e o diálogo. Por isso é que essa relação envolve o contexto social e histórico dos sujeitos implicados nos processos de letramento.

Quando levamos para sala de aula a prática de leitura numa perspectiva discursiva e cultural, aplicando atividades com folhetos de cordel, por exemplo, inserimos e permitimos o diálogo como sistema complexo de atribuição de sentidos, em que ser

leitor é atribuir/construir e ressignificar sentidos. Conforme Rodrigues (2011), entendemos que o texto vai além de seu suporte verbal ou vocal, envolvendo aspectos que estão no seu exterior, condizentes com o universo contextual, o que nos faz entender a leitura como uma *performance* que vai além de uma simples leitura individual. Assim, tomamos emprestada de Rodrigues (2012, p. 638) a ideia de que “[...] a leitura não se dá simplesmente através da palavra escrita, mas também das ‘expressões simbólicas’, [...] a leitura é um processo que integra autor e leitor, um Eu que se faz o Outro na medida em que trabalha pela coerência necessária para o entendimento do texto”.

Assim sendo, faz-se necessária uma reflexão sobre a realidade social do sujeito leitor e sobre as práticas de leitura por ele realizadas. Dessa forma, destacamos os estudos semânticos, especificamente a Semântica de Contextos e Cenários (SCC), que “toma como base a ideia de que uma língua natural é um sistema de representação do mundo e de seus eventos” (FERRAREZI JR., 2008, p. 23).

A cultura é uma forma de representação, pois é um ato social de reprodução/ressignificação dos ícones e símbolos, dos mitos e das metáforas por meio dos quais o homem vive sua própria cultura (BHABHA, 1998). Para Ferrarezi Jr. (2008), a cultura é a ponte entre o indivíduo e o mundo. O autor enfatiza que, em sala de aula, os alunos deviam enxergar o mundo a partir da perspectiva cultural. Língua e cultura estão totalmente imbricados na construção dos sentidos, para que, a partir deles, se faça a devida associação com outros aspectos dessa representação.

Esta é uma possibilidade de valorização dos estudos linguísticos, na medida em que se torna um campo de estudos que perpassa por contextos e abordagens multidisciplinares. Segundo Ferrarezi Jr. (2008, p. 23),

[...] sempre que estudamos uma língua desse ponto de vista, o fazemos em relação à parte viva da língua (a língua em uso), o que caracteriza o estudo como pragmático, e o fazemos com base na cultura que aquela língua representa, o que caracteriza o estudo como cultural (histórico, antropológico, sociológico, tecnológico, etc.). Toda semântica assim praticada será, portanto, uma ciência interfacial, ou seja, atuará nas diferentes interfaces envolvidas pelo objeto língua. Será sempre uma ‘Semântica Pragmático-cultural’.

Evidencia-se assim, em nossos estudos, uma proposta de modelo dialógico e cultural de ensino de leitura, ao apresentar o texto de cordel como um gênero textual que permite pesquisas linguístico-literárias, em que o professor poderá ressignificar a história, a memória coletiva, as interfaces da linguagem, por um olhar crítico que

foge aos estereótipos culturais contemporâneos, ou com eles colabora. Assim, a leitura irá transitar pela questão de “como” os elementos culturais estão representados, pois os folhetos de cordel necessitam de uma interpretação de seus agentes como parte de uma cultura e de uma leitura que relacione o texto lido a suas heranças culturais.

#### 4. INTERFACES DO CORDEL NO CONTEXTO ESCOLAR CONTEMPORÂNEO

Ao falar sobre as narrativas de cordel, Rodrigues (2011, p. 104) destaca que

[...] o cordel é um ‘monumento’ de uma cultura imaterial. Comprova o poder simbólico da letra como reconstrução – memória – do invisível que é a voz. As palavras são monumentos, visto que a língua revela-se como um conflito entre o fluxo oral (líquido) performativo, marcador da diversidade; e o registro impresso, que dificilmente se apaga. Daí a relação com o monumento. A letra é memória das vozes e, por isso, nunca exata.

Percebemos que o cordel é um exemplo típico de documento/monumento das vozes e das escrituras – que deve ser entendido como “monumento linguístico”: um arquivo da memória coletiva que permite o estudo das *performances* do sujeito de uma dada região. Como a memória depende da estrutura social, promotora de imagens, os sujeitos cordelistas assumem vozes apropriadas ao “tempo-espço de atuação dos sujeitos, dos objetos e dos valores que surgem dessa relação” (RODRIGUES, 2011, p. 139). Assim, o poeta popular acaba desenvolvendo diversas funções, tornando-se sujeito do saber e do fazer institucionalizados.

A literatura de cordel tem se tornado objeto de debates calorosos em eventos acadêmicos. Discussões emanam do vasto universo temático dessa forma de expressão popular. Muitos poetas populares se consagraram, deixando seus nomes inscritos no terreno dessa modalidade linguístico-literária. O cordel acaba refletindo a vivência popular, tratando desde os problemas atuais até a conservação de narrativas inspiradas no imaginário do povo e proveniente da cultura oral.

Atualmente, a literatura de cordel é uma das principais manifestações da cultura popular, contrariando muitos pesquisadores que pensavam que, com o advento dos tempos modernos e a ampla difusão de meios de comunicação diversos, o cordel teria seu fim. Hoje, observamos uma evolução dessa literatura, no encontro de novos mecanismos de mediação, como, por exemplo, a Internet.

Atualmente, para sua divulgação, folhetos não são apenas pendurados em barbantes, como sustenta a tradição portuguesa, ou expostos em bancadas, pois transitam pelas mídias televisivas e nas “ondas virtuais da Web, para assegurar o seu posto de pós, daquilo que estando no presente não abre mão do imaginário de sua gente para recontá-lo e manter acesa a chama de um povo que caminha entre tempos de modificação constante” (RODRIGUES, 2011, p. 177). Segundo Rodrigues (2014, p. 161), essa adaptação

[...] garante a manutenção da memória, porque a movência é a garantia da continuidade [...] Por esta razão, não sei por que tanto agouro, tanto pesar em se falar numa possível ‘morte’ de um produto que se renova em conjunto com a sociedade, renovando também os signos de sua cultura. O cordel é um exemplo da renovação do sujeito que ele representa.

Conforme Mello (2013, p. 175),

[...] a inclusão do ciberespaço no espaço escolar substitui um ambiente passivo e possibilita ao aluno perceber as mudanças na concepção de leitor, que passa a ser um coautor do texto. A leitura, por sua vez, passa, simultaneamente, a escritura. O leitor, escolhendo o caminho da leitura e o conteúdo a ser lido, transforma-se numa espécie do editor do hipertexto em construção, enquanto o texto passa a ser móvel.

Diante desta compreensão, observamos o valor imaterial da literatura de cordel como manifestação da identidade sócio-histórico-cultural da região Nordeste, constituindo-se e expressando-se por ideologias que atravessam o plano cultural daqueles que vivem e sabem por experiência própria o que é ser nordestino. Assim, para Evaristo (2000, p. 120),

[...] em termos atuais, pode-se dizer que o cordel mantém, enquanto narrativa, algumas características de origem, como a função social educativa, de ensinamento, aconselhamento, e não apenas entretenimento ou fruição individual... O cordel absolveu algumas tendências da modernidade, entre elas a veiculação de informações: alguns fatos do cotidiano passam a constituir, muitas vezes, sua temática.

Dessa forma, para atender às necessidades sociocomunicativas do cotidiano, os alunos fazem uso do cordel e de outros gêneros textuais, lendo e escrevendo, muito antes de frequentarem a escola. A utilização do cordel em eventos de letramento

escolar permite a realização de práticas pedagógicas exitosas, uma vez que perpassa pela realidade local do sujeito discente.

Rodrigues (2006, 2011) explica que o cordel atua como instrumento de uma memória coletiva através do desenvolvimento de temas que envolvem o heroísmo, o sagrado, histórias míticas/místicas e lendárias, que perpassam e entrelaçam o real e o ficcional. Para ele, observa-se nesta expressão linguístico-literária grande variedade de temas, tradicionais ou contemporâneos, que refletem a vivência popular, desde os problemas atuais até a conservação de narrativas inspiradas no imaginário do povo e provenientes da cultura oral.

As práticas de letramento mediadas por folhetos de cordel ocorrem através de atividades variadas e multifacetadas, que evoluem de forma prazerosa, pelo fato de essa forma de expressão popular ter como marca a tradição oral, o humor, entre outros aspectos necessários ao desenvolvimento de práticas exitosas que motivem os alunos para uma aprendizagem satisfatória.

Um projeto de leitura não pode deixar de levar em consideração fatores ligados à realidade social dos educandos, a exemplo da região Nordeste. Para Geraldi (2010), a atividade docente deve se vincular às atividades de leitura que perpassam pelas tradições orais de transmissão cultural. Assim, sugerimos o uso dos folhetos de feira como possibilidade de letramento escolar na aula de língua materna.

#### 4.1. O CORDEL EM EVENTOS DE LETRAMENTO – UM ESTUDO DE CASO

De forma didática, descreveremos a seguir algumas considerações a respeito de uma pesquisa-ação realizada a partir de folhetos de feira. Levando em consideração os desafios contemporâneos para o ensino de língua materna, como o desenvolvimento das habilidades de leitura e compreensão textual, buscamos planejar e desenvolver um material didático<sup>3</sup> que possibilitasse refletir sobre o ensino e a aprendizagem de linguagens, entrecruzando os saberes populares e os científicos, para transpor para sala de aula saberes que evidenciem os valores do sujeito nordestino.

Para tanto, desenvolvemos atividades de leitura em uma perspectiva interacionista, considerando os estudos culturais, dos multiletramentos, o imaginário, a memória e as representações de identidades. Várias áreas do conhecimento escolar foram agenciadas, em prol da interdisciplinaridade de saberes entre Língua

3. O material didático encontra-se em Silva (2017).

Portuguesa, Artes, Geografia e História, considerando a realidade social dos alunos, conforme propõe Geraldini (2010).

A pesquisa foi realizada numa escola pública estadual da cidade de Soledade-PB, numa turma de 7.º ano do Ensino Fundamental. A partir de uma metodologia de projetos que visa integrar a realidade discente à escola, a pesquisa apontou para o fato de que é possível produzir conhecimentos transdisciplinares/multimodais a partir do cordel, uma vez que esse tipo de expressão linguística e literária se apresenta no contexto sociocultural como importante material didático-pedagógico e de pesquisa, tendo em vista o uso produtivo do léxico, que delinea temas e atualiza discursos.

Uma vez que a proposta educativa foi pensada a partir do par experiência/sentido, os alunos se mostraram interessados pela leitura de cordéis e atuaram como participantes ativos nos eventos de letramento preparados para esse contexto educativo (Figuras 1 e 2).



*Figura 1: Atividades de reconhecimento dos folhetos de cordel – Fonte: Acervo pessoal do pesquisador*



Figura 2: Atividades de leitura dos folhetos de cordel – Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Ressaltamos o fato de que atividades planejadas a partir de cordéis promovem aprendizagens significativas, uma vez que englobam experiências da vida dos alunos na região em que se aplicou a pesquisa ação, reforçando o vínculo escola-vida. Isso despertou o gosto pela leitura e a funcionalidade inerente ao ato de ler na escola e na sociedade. Além disso, o cordel se mostrou porta de entrada para produção de efeitos de sentido, possibilitando aos alunos posicionarem-se criticamente, de forma “responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas” (BRASIL, 1998, p. 7). Vimos que eles se mostraram detentores de saberes e fazeres socioculturais que se validaram na aula de língua materna, pela consideração da linguagem como aspecto cultural da vida em sociedade letrada. As representações simbólicas ligadas ao sujeito e ao lugar foram evidenciadas na pesquisa, ao passo que as identidades dos sujeitos locais atualizavam o imaginário da região Nordeste como parte inerente da memória coletiva da região.

Os momentos de leitura mediados por folhetos de cordel na sala de aula de língua portuguesa da turma do 7.º ano pesquisada fomentaram eventos de letramento que permitiram percorrer a dimensão social do sujeito leitor, uma vez que os

alunos conseguiram estabelecer conexões com outros textos e com a própria vida, valorizando a identidade local, tornando-se protagonistas de uma história de leitura.

##### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu da necessidade de se pensar o ensino de leitura pelo viés do cordel no ambiente escolar, quando a leitura acontece em sala de aula como reflexão da obrigação. Diante disso, dedicamo-nos a refletir sobre o ensino e a aprendizagem de linguagens, entrecruzando saberes populares aos científicos, permitindo assim transpor para sala de aula saberes que evidenciem os valores locais e de transmissão cultural, em que o cordel se impõe como texto relevante da cultura nordestina.

Levar folhetos de cordel para sala de aula pode fazer com que os alunos (re) conheçam o seu universo cultural e simbólico, transpassado por valores, crenças, práticas e identidades que delineiam a experiência do sujeito no mundo. A resistência à seca, a busca por dias melhores, a fé, a permanência no lugar, o papel social de cada sujeito, a paisagem como pano de fundo e espaço, imbuídos de significação e sentido, em que tudo converge, tornam-se fatores preponderantes para a construção da identidade do aluno nordestino.

Observamos os fenômenos da compreensão e dos sentidos estabelecidos no tempo e no espaço em que os folhetos de cordel são escritos e lidos. O trabalho com a literatura de cordel em sala de aula permite que os alunos percebam o quanto essa expressão linguística e textual se mostra relevante para reforçar as representações da tradição cultural. Os sentimentos, as formas e as referências para ver o mundo de um jeito peculiar, permitem que o sujeito aluno transcenda seus limites socioculturais, compreendendo a sua realidade, as mudanças, as vozes do passado de uma memória social que define o sujeito pelo fenômeno da diversidade cultural.

Podemos dizer que o cordel é um meio de interlocução valioso entre o aluno e sua realidade local. A partir do momento em que o cordel propicia com maior facilidade uma relação da realidade do aluno com o texto, percebe-se que haverá alunos mais motivados para efetivação da leitura. Isso se dá na medida em que o cordel aproxima leitor e autor, mediante um processo de identificação pelo discurso que é atualizado pelas práticas de linguagem como práticas sociais, haja vista ser o cordel um produto cultural que ultrapassa a cultura local do discente, tornando-se um recurso didático-pedagógico valioso.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, M. (Org.). *Ler e navegar – espaços e percursos da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 139-157.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução de Miryam Ávila, Eliana Lourenço e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC; SEB, 1998.
- CANDAUI, V. M. F. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. *Educação*, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 33-41, jan./abr. 2014. Impresso.
- EVARISTO, M. C. O cordel em sala de aula. In: BRANDÃO, H. N. *Gênero do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 119-140.
- FERRAREZI JR., C. *Semântica para educação básica*. São Paulo: Parábola, 2008.
- GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento*. São Carlos, SP: Pedro e João, 2010.
- MELLO, B. de A. “Movência” de paradigmas no cordel: do canto ao ciberespaço. In: SÁ JÚNIOR, L. A. S.; OLIVEIRA, A. P. (Org.). *Literatura e ensino: reflexões e propostas*. Natal, RN: EDUFERN, 2013. p. 285-300.
- RODRIGUES, L. P. *O apocalipse na literatura de cordel: uma abordagem semiótica*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2006.
- RODRIGUES, L. P. Cultura clássica, cultura vulgar: considerações acerca do ideal de autor, leitor e leitura. *Sociopoética*, Campina Grande, PB, v. 1, n. 3, p. 1-16, 2009.
- RODRIGUES, L. P. *Vozes do fim dos tempos: profecias em escrituras midiáticas*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2011.
- RODRIGUES, L. P. Atitude responsiva na interação verbal: a relevância do contexto para a significação/compreensão leitora. *Linguística aplicada em foco: Práticas e propostas de ensino de língua materna na formação continuada de professores*, Campina Grande, PB: Realize, 2012. p. 637-649.
- RODRIGUES, L. P. *O “entre-lugar” dos folhetos de cordel no século XXI*. Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL – Londrina, PR: Boitatá, 2014. p. 158-176.
- RODRIGUES, L. P. Folhetos de cordel no ensino de língua materna: aspectos culturais e formação docente. *Revista do Gelne*, Natal, RN, p. 140-167, 2016.
- SILVA, R. N. da. *Representação do homem do nordeste e identidade masculina na literatura de cordel*. (Monografia de graduação) – Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campina Grande, 2014.
- SILVA, R. N. da. *Folhetos de cordel no letramento escolar: a aula de leitura revisitada*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campina Grande, 2017.
- STREET, B. What’s ‘new’ in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. *Current Issues in Comparative Education*, v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003.

STREET, B. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

ZUMTHOR, P. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOBRE OS AUTORES:

**Linduarte Pereira Rodrigues** é graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, tem Mestrado em Letras e Doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. É professor/pesquisador da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de Linguística e Semiótica, com pesquisas nos seguintes temas: linguagens, culturas, práticas sociais e ensino. É líder do grupo de pesquisa *Teorias do sentido: discursos e significações*.

*E-mail:* linduartepr@gmail.com.

**Rodrigo Nunes da Silva** é graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, tem Mestrado em Formação de Professores pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba. É pesquisador do grupo de pesquisa *Teorias do sentido: discursos e significações* da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de Linguística e Estudos Culturais, com pesquisas nos seguintes temas: Ensino de língua portuguesa e culturas populares.

*E-mail:* rodrygonunes22@gmail.com.

*Recebido em 03 de fevereiro de 2019 e aprovado em 30 de setembro de 2019.*